

economia



Observador

Affonso Ritter

aritter20@gmail.com

Uso de técnicas sustentáveis

Utilizando recursos e técnicas construtivas sustentáveis, como muro de contenção em gabiões, sistema de laje nervurada e painéis solares, a Ducatti Engenharia executou e entregou a obra do Boulevard Encantado, na cidade gaúcha de Encantado, no Vale do Taquari. Com contrato de R\$ 20 milhões, a empresa superou desafios para trabalhar em uma área total de terreno superior a 36mil m², sendo mais de 11mil m² de construção, em uma edificação que mistura concreto aparente, marcenaria e vidro. A obra gerou 480 empregos diretos e indiretos. Localizado entre a Lagoa da Garibaldi e o Cristo Protetor, o complexo tem tudo para se tornar novo ponto turístico na região.

Inglês para quem viaja

O Senac-RS está lançando o Travel English, um curso prático e com foco nas situações reais que ocorrem durante viagens internacionais. Ensina como lidar com aeroportos, hotéis, restaurantes, transporte e até pedir informações na rua. Com 54 horas de aprendizado, disponíveis nas modalidades presencial ou flex, é o primeiro curso do Senac Idiomas com material didático totalmente exclusivo. As inscrições já estão abertas e podem ser realizadas na própria entidade. E quem se matricular ainda em 2024 garante até 40% de desconto para o próximo ano, o maior abatimento oferecido pelo Senac-RS e é válido até 10 de janeiro de 2025.

Lembrar no Dia de Doar

A Fundação Gerações promove nesta terça-feira Dia de Doar, o seminário “Filantropia comunitária: investir para transformar”. A partir das 9h, na Biblioteca Pública do RS, serão debatidos dois temas: “As novas perspectivas para a filantropia comunitária no Brasil” e “Fundos emergenciais na resposta a situações de crise”. A filantropia comunitária é um modelo de investimento social que coloca a comunidade como protagonista das mudanças e melhorias em sua própria realidade.

Projeto Seu Dia + Soprano

A Soprano vem promovendo ações para fortalecer ainda mais o relacionamento com revendas especializadas moveleiras para marceneiros das regiões Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Norte. O projeto “Seu Dia + Soprano” é um espaço de troca, aprendizado e valorização dos profissionais, que são recebidos com café da manhã com representantes da marca, apresentando diferenciais dos produtos em um mercado cada vez mais exigente.

Terminal Mendes Ribeiro

A Tintas Renner, licenciada pela PPG, forneceu cerca de 800 litros de tinta para revitalizar o Terminal Mendes Ribeiro, em Porto Alegre. O projeto, liderado pela DW Engenharia desde 7 de novembro, incluiu limpeza, pintura, reparos em corrimãos, escadas e elevadores, entre outros. A nova pintura, assinada por Bruno Schilling, integra o Festival Olhe Pra Cima e envolve 60 profissionais, utilizando mais de 1.200 litros de tinta no total, com conclusão prevista para dezembro.

A Febraban e o pacote fiscal

O anúncio de um novo Pacote Fiscal mostra que o País reconhece a criticidade do quadro fiscal e a premente necessidade de um ajuste mais forte para que seja perseguido e alcançado maior e sustentável equilíbrio das contas públicas. Considerando o contexto desafiador da crescente trajetória da dívida pública e sem entrar nos detalhes do efeito das medidas anunciadas nos gastos - análise em que a Febraban ainda irá se aprofundar -, o Pacote Fiscal está na direção correta. Ele indica a urgência da adoção de medidas adicionais ao arcabouço fiscal, sem as quais não conseguiremos ter um ambiente estrutural de juros menores, menos pressão na inflação e no câmbio.



Porto Alegre terá Instituto de Inovação Social

O Centro de Integração Empresa-Escola do Rio Grande do Sul (CIEE-RS) anunciou, na última quinta-feira (28), para um grupo de empresários parceiros, a criação do seu Instituto Científico, Tecnológico e de Inovação Social, que deve ser inaugurado em 2025.



Mão de obra e crédito desafiam reconstrução do RS

Assunto foi debatido no Meeting Jurídico da Federasul nesta sexta-feira

/INFRAESTRUTURA

Bárbara Lima

barbaral@jcrs.com.br

A reconstrução do Rio Grande do Sul passa por grandes obras de infraestrutura, especialmente em rodovias e sistemas de contenção de cheias.

Para debater os principais desafios e oportunidades do setor da construção, o Meeting Jurídico promovido pela Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul) nesta sexta-feira contou com a presença do presidente do Sindicato das Empresas de Construção Pesada do Rio Grande do Sul (Sicepot-RS), Rafael Sacchi.

Ele destacou como principais desafios a escassez de mão de obra e a dificuldade de acesso a crédito para empresas. Segundo Sacchi, o Estado precisará de R\$ 100 bilhões em investimentos ao longo dos próximos 10 anos para viabilizar essas obras.

No caso da contratação de mão de obra, há uma preocupação com a falta de interessados nos postos. Para Sacchi, programas assistencialistas, como o Bolsa Família, embora essenciais para erradicar a miséria, têm gerado competição com os postos de emprego no setor.

“As empresas não conseguem concorrer com algo que dá dinheiro sem exigência de contraprestação. O beneficiado ganha um salário-mínimo sem precisar trabalhar. Isso favorece o trabalho informal, que gera valor para o cidadão, mas não contribui com impostos”, afirmou.

Ele destacou que o setor está buscando soluções junto ao Congresso Nacional para que o Bolsa Família não seja imediatamente retirado quando o beneficiado



TÂNIA MEINERZ/JC

Segundo Sacchi (d), o Estado precisará de R\$ 100 bi em investimentos

começar a trabalhar. A ideia é implementar uma redução progressiva do benefício. “Isso alivia os cofres públicos, aumenta a arrecadação e amplia a produção tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil”, ponderou.

Sacchi também chamou atenção para a dificuldade de acesso ao crédito enfrentada pelas empresas de construção pesada, as empreiteiras, que, segundo ele, são as que mais sofrem com a recuperação judicial. “O rito de avaliação dos tomadores de crédito é muito rigoroso. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), por exemplo, não concede empréstimos a empresas em recuperação judicial, mesmo que estejam financeiramente saudáveis. Isso deveria mudar”, destacou.

Ele mencionou que o Sicepot-RS tem dialogado com a presidência do BNDES para flexibilizar as condições de crédito. “Essa mudança é essencial, já que o volume de equipamentos necessários para atender à demanda é o dobro do que temos hoje. Mas isso também está conectado à questão da mão de obra: não adianta termos equipa-

mentos se não tivermos pessoas para operá-los”, ressaltou.

Sacchi defendeu a renovação da Lei nº 14.981 para apoiar os municípios atingidos pelas cheias de maio. Ele explicou que a lei permite maior flexibilidade orçamentária e licitatória para os governos municipais e estaduais, além de agilizar contratações e aquisições emergenciais. “Estamos vivendo uma oferta sem precedentes de obras no Estado. Precisamos que essa legislação seja renovada”, destacou.

Sacchi também criticou a condução dos contratos para obras rodoviárias no Rio Grande do Sul. Ele defendeu que o processo deveria seguir o modelo do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), que prioriza fornecedores regionais.

“O Dnit convoca fornecedores locais, habilita a documentação e depois seleciona pelo menor preço. Hoje, no Rio Grande do Sul, empresas de regiões distantes, como o Acre, podem se candidatar, mas não conseguem realizar as obras de forma eficiente. Isso atrasa os processos e prejudica a celeridade”, afirmou.

Momento pode ser de oportunidade para o Estado

Apesar dos desafios, o presidente do Sindicato das Empresas de Construção Pesada do Rio Grande do Sul (Sicepot-RS), Rafael Sacchi acredita que o momento também representa uma oportunidade de reconstrução para o Rio Grande do Sul. “É a chance de repensar as cidades. Podemos iniciar novas

construções com parâmetros modernos e planejar melhor as áreas afetadas pelas cheias”, sugeriu.

Ele destacou ainda a importância de desenvolver os bairros e melhorar as condições de vida das pessoas. “Queremos que as pessoas vivam em condições dignas. Isso significa investir na proteção

dos bairros, no desenvolvimento sustentável e no plano diretor. Um exemplo é São Paulo, onde os bairros têm infraestrutura completa e acessível dentro do próprio bairro. Precisamos pensar na mobilidade e na sustentabilidade, mas não só do meio ambiente, também da mobilidade, das pessoas”, concluiu.